

NA FRONTEIRA DA DIFERENÇA: A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA COMO EXTENSIONISTAS NA EDUCAÇÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Anita Fernandes Scaff¹

Breno Henrique Oliveira Santos²

Thiago Ranniery Moreira de Oliveira³

INTRODUÇÃO

Este presente trabalho consiste em um relato de experiência de dois estudantes de psicologia, bolsistas PROFAEX do Projeto *Fundão Biologia Na Fronteira da Diferença*, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que se insere nas atividades de extensão do projeto Fundão/Biologia - UFRJ, o qual foi fundado em 1983. As ações de extensão e formação promovidas pelo projeto são oficinas sobre gênero, sexualidade e raça voltadas para professores e estudantes de escolas públicas e de graduação do Rio de Janeiro, tendo os estudos queer como referencial teórico para sua organização e produção. As escolas parceiras convidam o projeto de acordo com demandas específicas, e nossa função é pensar as estratégias pedagógicas que possam inserir o ensino das questões da diferença diante das realidades nos apresentadas. Sob orientação do Thiago Ranniery, os participantes do projeto são alunos da pós-graduação, que são professores da educação básica, e alunos da graduação, como extensionistas. Nossa função inclui auxiliar a formulação das oficinas, dar suporte ao professor orientador nas oficinas que ele ministra e, em alguns casos, conduzir nossas próprias oficinas, com contato direto com os alunos e professores das escolas parceiras.

Este relato busca, assim, a partir do nosso desempenho no papel de extensionistas, descrever e refletir como nos permitimos sermos afetados pelo que

1 Graduado/a/e do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, scaffanita@gmail.com;

2 Graduado/a/e pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, brenohenriquecom7@gmail.com;

3 Professor orientador: doutor, Faculdade de Educação - UFRJ, t.ranniery@gmail.com.

nos deparamos nessas oficinas; seja os professores confusos com terminologias que lhes são novidade, alunos que estão experimentando processos de identificação e contam com nossa ajuda para essa navegação, e até mesmo as violências de gênero e de sexualidade e os relatos de abuso sexual por parte desses alunos. Uma vez que manejar a abertura e desenvolvimento desse diálogo é justamente o objetivo de trabalho nas escolas, para que os participantes possam se abrir a novas possibilidades de reflexão e ação no mundo intra e interpessoal, nós também nos abrimos para novas possibilidades que nos impactam como sujeitos e como profissionais da Psicologia, na medida em que estamos na esfera educacional e construímos em grupo um espaço de diálogo horizontal, de maneira em que podemos ter um outro olhar para a realidade social do sistema público de ensino e para a juventude da geração atual.

Portanto, este relato de experiência visa abordar e expor como a experiência do projeto em questão tem contribuído de maneira relevante para a nossa formação, enquanto alunos de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

METODOLOGIA

A metodologia do projeto consiste em práticas dialógicas com a pretensão de tornar horizontal o diálogo e a produção de saberes sobre os temas trabalhados. Nesse sentido, as ferramentas que utilizamos consistem na realização e construção de oficinas pedagógicas sobre educação, diferença, gênero e sexualidade para estudantes e/ou professores da educação básica da rede pública do Rio de Janeiro e na produção de materiais didáticos sobre as temáticas; assim como, a promoção de encontros com diversos formatos que promovam a interlocução entre universidade e a sociedade.

Inicialmente são utilizados alguns disparadores para engatar o diálogo, como por exemplo, uma *caixa secreta* em que são dispostos papéis que constam com perguntas anônimas dos sujeitos sobre suas respectivas dúvidas. Outro exemplo de disparador é a oficina de imagens, onde os sujeitos são, inicialmente, sensibilizados pela dinâmica de imagens e posteriormente são levados a realizar debates sobre os temas de gênero, sexualidade, onde podem ser tocados pela realização da atividade pedagógica. Durante a oficina, após aparecerem as dúvidas, conversamos sobre elas e abrimos espaço para que os próprios sujeitos possam ter voz e contribuam com seus pontos de vista sobre o debate estimulado e se coloquem em cena. A partir do momento em que inicia-se a oficina, são deixados de

lado quaisquer juízos de valor moralizantes e coercitivos, a fim de proporcionar um ambiente seguro.

Portanto, a metodologia utilizada parte do pressuposto de que não se produz conhecimento sobre as pessoas sem elas, o que revela que a metodologia conta com uma abordagem que compreende a importância de seguir a via da educação emancipadora e libertadora.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico aqui utilizado são os estudos queer, tendo como principal nome no Brasil a Guacira Lopes Louro. Para além de uma análise categórica das identidades dissidentes de gênero e sexualidade, nos cabe aqui pensar como a heteronormatividade opera organizando tais vivências na subalternidade. O interesse nosso, portanto, está na *diferença*, em detrimento ao *diferente*, como é objetado pela pedagogia hegemônica.

Seguindo isso, em nosso projeto, partimos dessa implicação teórico-metodológica, trabalhando na direção da desnaturalização radical das ideias de gênero e sexualidade. O conceito de performatividade de Judith Butler nos é precioso pois complexifica a ideia de “construção social”, apontando a uma repetição sutil e delicada dessa performatividade, não a ver com uma ideia de imposição, mas que ocorre constantemente de maneiras imperceptíveis e engendra as ideias da diferença de gênero e sexualidade. Portanto, as categorias não se tratam de campos nos quais o poder se reproduz, mas em que o poder se exercita, se fazendo e refazendo (LOURO, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim, evidentemente, em diferentes oficinas, lidando com diferentes públicos, essa desnaturalização por nós proposta se dá de maneiras distintas. Eu, Anita, enquanto futura profissional da psicologia, acredito que seja possível pensar sobre os impactos das oficinas na minha formação sob diversas perspectivas. Aqui trago um dos meus textos preferidos, que carrego comigo por todo o meu percurso da graduação, chama-se “O encontro é uma ferida”, de Fernanda Eugênio e João Fiadeiro (2012). O que faz um encontro é sua singularidade e sua capacidade catastrófica de ser uma ferida. De alargamento da realidade, emergência de um solo comum para a criação de mundos. Sendo assim, como eu falei, as oficinas são adaptadas de acordo com a demanda de cada escola. São vivas, feitas e refeitas a cada encontro e pensadas a partir do lugar da intervenção.

Então, para exemplificar e aterrar um pouco isso, irei trazer exemplos de oficinas que eu participei em que pude notar a relevância da realização deste trabalho. Em uma das oficinas elaboradas pelo orientador do projeto, Thiago Ranniry, distribuímos folhas de sulfite e pedimos que os alunos fizessem 3 colunas: uma escrito sexo biológico, outra identidade de gênero, e orientação sexual. Quando estão preparados, é apresentada uma apresentação com slides, onde, a cada slide, há fotos de pessoas diferentes e eles tem que adivinhar sobre as 3 categorias em relação às pessoas mostradas. Ao final, quem está liderando conta a “história real” de cada um das imagens, revelando seu sexo, identidade de gênero e orientação sexual, muitas diferentes do que aquilo que os alunos estavam imaginando. Durante a discussão, muitos pontos são levantados, e questionamos junto com eles as próprias categorias que sugerimos. Do que realmente se trata essa categoria de sexo biológico? Seguindo as ideias supracitadas, é uma ideia a ser radicalizada: trata-se de uma escolha arbitrária da medicina, historicamente determinada.

Relacionando isso à temática do encontro, temos como isso pode ser diferente em diferentes públicos. Quando demos essa oficina para os alunos do ensino médio de uma escola em Campo Grande, todas as etapas foram difíceis: a bagunça para os alunos escreverem as colunas, a confusão quando cada foto era mostrada e o choque quando as identidades eram reveladas. Era possível ver como o assunto afetava diferentemente os meninos e as meninas, por exemplo, causando um desconforto maior nos primeiros. Na ocasião, um grupo de meninos chegou atrasado, não quis fazer a atividade, levantou, saiu, voltou a pedido da professora, ficaram de pé, sentaram, saíram, voltaram novamente. Quando ficavam na sala, respondiam às questões com frases como “esse é viado, bicha”. Era claro como o assunto os incomodava e, mesmo que eles não tenham feito a atividade da forma proposta, foram muito tocados.

A mesma atividade foi dada para alunos da graduação de pedagogia da UFRJ. Pode-se imaginar de cara que seria diferente, as noções do que significava cada coluna já era construída naqueles estudantes, que, mesmo surpresos com os resultados, não tiveram a mesma reação de euforia dos adolescentes. A partir daí, o debate pôde ser mais refinado, desconstruindo o as noções cristalizadas de um binarismo de sexo e gênero, argumentando como as transformações trazidas por esses campos, podem ultrapassar o terreno dos gêneros e da sexualidade e nos levar a renovar o modo como pensamos a cultura, as instituições, o poder, as formas de aprender e de estar no mundo (Louro, 2004), aplicando isso no fazer pedagógico deles.

Tem muitos jeitos diferentes de pensar as oficinas, afinal elas são muito diferentes e com públicos diferentes, eu trouxe esse recorte mas queria poder falar de todos. De toda forma, o que fica para nossa formação é a análise dos limites e das possibilidades da atuação na desconstrução de certos ideais e a atuação nas escolas da rede municipal nos permite isso de forma intensa. Entender que, para falar sobre a diferença, é preciso não colocá-la no lugar de um outro a ser absorvido pela normatividade, mas uma via de mão dupla de afecção.

Eu, Breno, fui inserido no projeto em Novembro de 2022 e já em minha primeira experiência na realização de uma oficina na Escola Municipal Chile, em Olaria, com duas turmas do 9º ano, pude ter contato com diversas questões que me afetaram profundamente. Uma delas é o fato de que em meio a realização dessa oficina, os alunos iniciaram a discussão em torno do tema abuso e violência sexual, onde duas meninas tiveram espaço e voz e sentiram confortáveis para denunciar experiências de violência que tinham passado, a partir da atividade educativa da oficina. Essa afetação foi de encontro a minha formação enquanto psicólogo, na medida em que as práticas dos psicólogos consistem, em sua grande maioria, na realização de intervenções de escuta e cuidado com sujeitos que chegam até esse profissional em situações de vulnerabilidade social, afetiva, emocional, socioeconômica e etc.

Dessa maneira, para além desse exemplo, posso dizer que o projeto Fundação Biologia na Fronteira da Diferença realmente cumpre o papel social, para além dos muros da universidade, a que ele se propõe, de modo que ele chega a ambientes educacionais que, de fato, carecem de uma intervenção acerca de questões que trabalhamos - pautadas no saber científico. A experiência do espaço da escola, da sala de aula, onde nós bolsistas somos inseridos é uma bagagem imensa de formação prática, a qual iremos carregar durante e após a conclusão da nossa formação em psicologia e que tem um imenso peso positivo. Sendo que, aprendemos quando auxiliamos na realização da oficina do professor Thiago Ranniery, assim como quando somos nós a realizá-la tendo que desenvolver nossas habilidades pessoais e interpessoais ao falar para um grupo grande de pessoas, de maneira responsável, sobre temas e assuntos que podem ser delicados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (BRENO)

À guisa de encerramento, apontamos que o projeto é de um extremo valor tanto para a formação dos extensionistas e estudantes de pós graduação, quanto para os alunos e professores a quem direcionamos nossas práticas e intervenções. É um projeto revolucionário que resistiu mesmo em meio a contextos políticos

conservadores, que forma pessoas e estimula novos afetos desde o ensino fundamental ao superior e que nos possibilita experiências únicas de aprendizado acadêmico e de humanidade.

Palavras-chave: Extensão, Escolas Públicas, Oficinas, Gênero, Sexualidade.

REFERÊNCIAS

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educ. Rev.* [online]. 2007, n.46, pp.201-218. ISSN 0102-4698.

EUGENIO, F.; FIADEIRO, J. O encontro é uma ferida. Excerto da conferência-performance *Secalharidade* de Fernanda Eugenio e João Fiadeiro. Lisboa: Culturgest, jun. 2012. Não paginado.